

Por um corpo que escuta: o ambiente como canal de percepção para comunicação e o desenvolvimento.

Luiza Romani Ferreira Banov

Resumo:

A presente reflexão aponta proposições de gentileza em diálogo o corpo e o ambiente que compõe as relações cotidianas, no que se refere a gestos realizados, a pensamentos e sentimentos, no sentido de contribuir para um melhor desenvolvimento do indivíduo de forma integrada em seus pensamentos, sentimentos e desejos. Para tanto, atravessa o pensamento de Rudolf Steiner a partir de análises instigadas na I Jornada Pé de Dança em agosto de 2021. Cabe ainda ressaltar que estes apontamentos extrapolam o olhar para o deficiente considerando que todos nós de alguma forma somos compostos por lacunas diversas. Estas reflexões impulsionam o cuidado necessário, que todos podem/devem ter consigo, seus gestos, pensamentos e em especial com seu entorno de modo a oportunizar uma relação sensível, pautada na presença amorosa e gentil.

Palavras chave: dança; movimento; pedagogia waldorf

A primeira manifestação de meu coração, quando eu soube que ela seria sempre uma criança, foi a velha pergunta que todos nós fazemos frente a um sofrimento inevitável: “Por que tinha de acontecer comigo?” Para esta pergunta não podia haver resposta, e de fato não houve nenhuma. (Buck, 1950, In Buscaglia, 1993, p. 31).

A palavra, deficiência tem origem do latim *deficientia*, e significa “falta, enfraquecimento”, também pode ser substituída por sinônimos como: carência, escassez, curteza, míngua, lacuna, privação, falta, incapacidade, insuficiência, déficit, défice, entre outros. Assim, é convencionalizado que o *deficiente* é o indivíduo que tenha qualquer tipo de perda ou anormalidade que limite suas funções físicas, sensoriais ou intelectuais. “No Brasil, tem se caracterizado classicamente cinco áreas de deficiência: física, visual, auditiva, intelectual e múltipla. Considera-se que há em torno de 25 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência, aproximadamente 15% da população” (KROEFF, 2008, p. 69). Os dados atualizados do IBGE (2021) revelam que em nosso país mais de 45 milhões de brasileiros possuem algum tipo de dificuldade para ver, ouvir, se movimentar ou algum tipo de incapacidade mental. De acordo com o site oficial, é como se a cada 100 pessoas, aproximadamente 7 delas tenham deficiência motora, 5 deficiência auditiva e 19 deficiência visual.

Este número nos faz refletir que certamente ao menos 30%, ou mais, da população (pois para cada deficiente deve haver um cuidador) lidam diretamente com as questões e desafios apresentados por alguma ausência de sentido, e vislumbramos a urgência de nos atentarmos e dialogarmos com necessidades vividas rotineiramente por tantas pessoas. De alguma forma, entretanto, observamos que lacunas existem em todos nós e que o corpo parece-nos um potente local de intervenção e transformação diante de nossas limitações.

“É especialmente importante não fazer confusão entre limitações em alguma ou diversas áreas e incapacidade completa ou inferioridade, que seria sucumbir às implicações da incapacidade para além das áreas realmente afetadas (Vash, 1988; Telford & Sawrey, 1978). Os reais limites da incapacidade que a pessoa apresenta devem ser estabelecidos na prática, conforme advoga Vash (1988), por “suficiente experiência”, não se baseando exclusivamente em teorias ou generalizações que não levam em conta as particularidades de cada pessoa” (KROPF, 2008, p. 82).

Neste sentido, propomos, neste texto, reflexões a despeito do corpo, como campo de atravessamento e comunicação que se revela na relação de um com o outro, independente da deficiência que possa haver. Estar com corpo presente e desperto, parece-nos um fator crucial para nos fortalecer nos desafios impostos diariamente nas relações humanas.

Apontamos que os atravessamentos aos quais nos referimos, estão em diálogo com as proposições de Bondía e suas inquietações com a experiência. “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. (BONDÍA, 2002, p. 25). Assim, é por meio de atravessamentos que propomos a consciência do espaço, do corpo/indivíduo em relação ao que o rodeia, ao que o atravessa. E é neste sentido da relação da experiência, e do atravessamento que apontamos a importância de estarmos atentos ao ambiente que nos rodeia.

Rudolf Steiner em sua vasta obra sobre o desenvolvimento humano, em especial em suas reflexões sobre medicina e pedagogia, no ano de 1923 profere a palestra *Andar, falar, pensar* que integra o VI capítulo do livro *A educação e a vida espiritual de nossa época*. Ao longo deste ciclo de conferências sobre educação e vida moderna pronunciadas na Inglaterra, Steiner realizou importantes advertências a pais e educadores com respeito à tenra infância. Assim,

afirma que a educação é uma tarefa de todo ser adulto, Steiner relata os cuidados relativos a três faculdades que, emergentes na criança, determinam consequências para toda a vida futura: o andar, o falar e o pensar. Segundo ele, toda educação infantil tem como alvo o próprio corpo físico, produzindo consequências que só se manifestarão na idade madura.

“Devemos considerar devidamente, agora, o fato de que a criança é um ser sensorial, imitativo; tudo, durante os primeiros anos, aprende-se mediante imitação, conquista-se imitando o ambiente... a criança é um organismo sensorial dos mais delicados, é não somente sensível às influências físicas que as rodeiam, mas também às influências morais, especialmente as do pensar morais... como pais ou como mestres devemos não somente evitar as atitudes exteriormente impropriadas, mas ser internamente íntegros, internamente morais em pensamento e sentimento”. (STEINER, 1980, 8)

Observamos, neste sentido, que a aceleração do advento tecnológico passou a guiar nosso cotidiano atual preocupando-nos, em especial com as crianças e jovens na relação que estes irão estabelecer consigo mesmos e com o mundo; com as expansões multimídias e sua acessibilidade, observamos que os ambientes têm sido permeados por muita tecnologia, e estamos, desta maneira, constantemente conectados a dispositivos; reconhecemos que com a situação pandêmica, esta realidade se agravou, uma vez que os adultos passaram a trabalhar, em suas casas, remotamente e conectados a dispositivos eletrônicos; os gestos dos dedos digitando em teclas foram bastante explorados. Propomos assim que reflitam, neste sentido, como a tecnologia tem limitado nossos movimentos cotidianos, reduzindo muitas horas de nosso dia em ações de precisão como quando tecelamos no celular ou no computador, ou ainda na relação estagnada do globo ocular que fica por horas dominado por uma tela.

PAUSA

Pare por um instante de ler este texto e observe o ambiente ao seu redor. Está organizado, ventilado, com clareza? Observe como está sua posição ao longo da leitura; está sentado adequadamente em uma cadeira? E suas sensações corporais; o que observa de você mesmo? o que sente? Como se sente? Permita-se um minuto de contemplação de si mesmo e de seu entorno antes de retornar à leitura.

FIM DA PAUSA

Relacionando esta realidade com a infância e com o ambiente que nos cerca; a questão que colocamos é, quais gestos estamos ofertando para nossas crianças, jovens, deficientes? Quais gestos ofertamos para o outro? Considerando o gesto como um alimento do ambiente, o que tensiona e estabiliza o espaço, que alimentos estamos gestando em nossas relações?

Estas indagações foram condensadas a partir da palestra proferida por Florencia Guglielmo na I Jornada Pé de Dança¹ realizada em agosto de 2021 intitulada “O corpo em movimento na pedagogia Waldorf”. Nesta palestra, foi destacado a importância do ambiente para o desenvolvimento do indivíduo, em especial para o corpo em desenvolvimento, ou seja, o corpo é um resultado da relação estabelecida com o meio ambiente, metabolizamos, tornamos corpo o que está no ambiente.

Já nos diria um criador do movimento, Julio Horvath², que o movimento pode ser, também compreendido, como um sinônimo da vida. Claramente percebemos que tudo o que se move tem vida e o que não se move, não tem vida... a vida de um bebe saudável é repleta de movimentos, flexíveis e dinâmicos; já em tenra idade, percebemos o endurecimento corporal, até que a vida termine. É fato que o movimento nos acompanha por toda a vida, o corpo, na maturidade, acaba por se revelar como um mapa de impressões e atravessamentos impressos pela vida, são experiências e relações que podem culminar em dificuldades motoras e endurecimentos.

Quando focamos para a primeira infância, entretanto, do ponto de vista pedagógico, isso tem muita relevância. Por este motivo a pedagogia Waldorf se atenta muito ao ambiente proporcionado aos alunos, e também está atenta ao que acontece fora das salas de aulas, em

¹ I Jornada Pé de Dança, promovida pela linha de pesquisa Pé de Dança: Pedagogias da dança e Antroposofia (FRS/ UFTM, Brasil) e criada pelas pesquisadoras Juliana Klein, Luiza Banov e Renata Fernandes no ano de 2020. Esta linha de pesquisa está inserida no grupo de estudos: *A proposta pedagógica de Rudolf Steiner: contribuições para a educação contemporânea* sob coordenação do Prof. Dr. Jonas Bach (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) tendo sua sede na Faculdade Rudolf Steiner. Pé de Dança tem como propósito abrir espaços de diálogo e reflexão sobre a dança como área de conhecimento oficialmente composta na atual Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e investigar como ela se desdobra no ambiente escolar especialmente em relação à pedagogia Waldorf.

² Julio Horvath nasceu na Romênia no ano de 1942. Criador do método somático GYROTONIC(R) e GYROKINESIS(R). Ele é apaixonado pelo movimento desde sua infância.

suas casas e nas relações com seus familiares; esta pedagogia está interessada em tirar impedimentos para que a criança possa se desenvolver de acordo com as habilidades da própria criança; que estão muitas vezes nesta relação do corpo e sua exploração do movimento. A relação com o espaço, o entorno bem como habilidades motoras apresentam aspectos fundamentais para desenvolver as necessidades de aprendizagem.

Bernard Lievegoed em seu livro “Desvendando o crescimento” reflete sobre o fato de que os processos de aprendizagem dependem do desenvolvimento biológico (físico), psicológico (anímico) e espiritual da criança. Assim, é necessária atenção por parte do cuidador e/ou educador em relação aos seus próprios pensamentos que elaboram o ambiente; pensamento é movimento. Processos intelectuais nos causam desgastes e a movimentação física com sentido nos trazem equilíbrio.

Na Antroposofia, o ser humano é definido como sendo a consciência entre o mundo e as intuições. Steiner reconheceu o ser humano como trimembrado em corpo, alma e espírito, sendo respectivamente ligados ao pensar, sentir e querer. O sistema neurosensorial nos proporciona o perceber (órgão visual), ao passo que o compreender os processos imagéticos é regulado pelo coração e pelo pulmão (sistema rítmico), e a posterior elaboração interior do entendimento (sistema metabólico-motor) a ser conservado pela memória. A capacidade de lembrar, assim como a de compreender se deve ao fato de respirarmos. Há também o entendimento de que existem quatro níveis complexos no ser humano: o nível 1 – corpo físico, o nível 2 – corpo vital ou etérico, nível 3 – corpo astral ou nossa alma e 4. O eu, o componente espiritual do ser humano. (GUNVER ET.AL. 2018, p. 7)

De acordo com Gunver et. al, a antroposofia considera três sistemas no indivíduo em relação à trimembração humana: o sistema neurosensorial e sistema metabólico-motor, que são polares, um ao outro e o sistema rítmico, ou intermediário. Esses subsistemas, apesar de espalhados por todo o organismo, predominam em determinadas regiões, como por exemplo, o sistema neurosensorial na região da cabeça, o sistema metabólico-motor nos membros, e o sistema rítmico nos órgãos respiratórios e circulatórios, na região do “meio”.

Portanto, compreendemos que a demanda excessiva do sistema neurosensorial causa cansaço, assim como no uso excessivo do sistema metabólico e que portanto a alternância entre esses dois sistemas é responsável por um equilíbrio e melhor aproveitamento de suas funções.

Alternar atividades e proposições corrobora para melhor funcionalidade tanto do corpo físico, da ação, como na integração do pensamento e aprendizado cognitivo. Esta realidade equilibra o sistema rítmico. O sistema rítmico nunca “tira férias” afinal, pulmão e coração nunca param em vida, neste sistema, não experimentamos o cansaço. A proposta, portanto, é que integremos esta realidade aos processos pedagógicos e que se possa privilegiar atividades alternadas que edifiquem o equilíbrio entre a atuação do sistema metabólico motor e neurossensorial. Oportunizando, desta maneira, uma estabilidade ao sistema rítmico o qual Steiner relaciona com as atividades artísticas e vida familiar.

Neste sentido, os estudos revelam que realizar atividades de movimento antes do conteúdo contribui para um melhor aprendizado pois alinhava quase como em uma figura do infinito, ou figura do oito (∞), uma relação de contração-expansão, interior-exterior no diálogo de compreensão do indivíduo estar no mundo. Por isso, Steiner aponta para um equilíbrio entre os sistemas motor e neurossensorial; para isto é necessário um cuidado com o sistema rítmico também conectados com as atividades artísticas e com a vida familiar.

PAUSA

Neste momento, propomos que você faça novamente uma breve pausa na leitura, sente-se bem em seus ísquios e procure manter a pélvis (bacia), verticalizada.

Faça quatro respirações: inspire profundamente pelo nariz e procure soltar todo ar pela boca, até que não haja mais nenhum ar remanescente... quando achar que todo ar foi embora, permita que a rebarba deste ar seja expirada também. Ao deixar todo ar ir embora, recomece a inspiração pelo nariz.

Procure deixar os braços pesados ao lado do corpo, sem que os mesmos façam qualquer esforço durante o exercício.

Agora, imagine que em seu corpo habitam três planetas que coexistem; o planeta do pensamento, do sentimento e do desejo. Estes se refletem respectivamente na cabeça, no tórax e na pélvis.

Sinta estes planetas alinhados verticalmente e experimente realizar movimentos pendulares para frente e para trás (em diagonal) sem que estas esferas se desalinhem.

Repita isto algumas vezes.

É possível manter-se em alinhamento?

O que gera mais esforço, ir para frente ou ir para trás?

FIM DA PAUSA

(In) conclusões

Compreender o desenvolvimento humano pelo olhar de Rudolf Steiner amplia nossa capacidade de desvendar o que acontece no momento presente. Observando tantas camadas que se entrelaçam nessa teia de nós mesmos, e como estas bases se fundam nas relações que temos com o ambiente ao nosso redor. São dimensões que derramam muitas vezes a materialidade a qual estamos habituados.

O corpo físico, matéria de nosso acesso palpável, pode ser uma chave para solucionar muitos desconfortos observados na relação professor/aluno, pais/filhos, entre colegas. Elementos como o sono, a alimentação, a atividade física são bases para estabelecer uma harmonia de estado e a isto adicionamos a relação rítmica, rotineira, que ao se estabelecer também se torna uma “terra firme”; uma espécie de casa, conforto, acolhimento, segurança. Estas questões podem e devem ser aplicadas em todo indivíduo independentemente de sua especialidade; os deficientes, entretanto, podem ser amplamente beneficiados por este olhar de afeto e cuidado.

Aqui refletimos sobre bases que podem potencializar o desenvolvimento das habilidades de qualquer pessoa. Reconhecendo que todos temos limitações a serem vencidas ao mesmo tempo que é preciso respeitar os limites. Não se trata de "encaixar" a pessoa dentro dos esquemas, trata-se de fomentar justamente a capacidade de poder viver e vivenciar o que é mais verdadeiro no próprio ser. "*Se amamos aos homens meramente como são, degradamo-los; se os tratamos como se fossem o que deveriam ser, levamo-los aonde devem ser levados.*" (J.W. Goethe)

Referências:

ARAÚJO, et. al. **Entre Laban e Steiner: princípios organizadores somático-performativos.** ACADEMIA

ENTRE_LABAN_E_STEINER_Marcia-with-cover-page-
v2.pdf(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)

BONDÍA, Larrosa, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nm. 19, jan-abr, 2002, pp. 20-28. Associação Nacional de Pós-Graduado e Pesquisa.

BUSCAGLIA, L. F. Os deficientes e seus pais – um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Record, 1993.

DEL FRARI, Liliana et. Al. **As contribuições da Pedagogia Waldorf para a aprendizagem e o neurodesenvolvimento infantil no ensino fundamental** Research, Society and Development, vol. 8, núm. 3, 2019 Universidade Federal de Itajubá, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662194003>. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

GUNVER et. Al. Medicina antroposófica: um sistema de medicina integrativa originado na Europa. *Arte Médica Ampliada* Vol. 38 | N. 1 | Janeiro / Fevereiro/ Março de 2018. Disponível em: [medicina-integrativa_38-1_web-1.pdf](#) (abmanacional.com.br). Acesso em 18 de dezembro de 2021.

LIEVEGOLD, Bernard. **Desvendando o crescimento.** Editora Antroposófica, São Paulo, 1994.

STEINER, Rudolf. ANDAR, FALAR, PENSAR in **A educação e a vida espiritual de nossa época.** Ed. Associação Pedagógica Rudolf Steiner, São Paulo, 1980.

PAIVA, Geraldo José de; ARANHA, M S F; BUENO, C L R. **Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia , a reabilitação.** [S.l: s.n.], 1988.

KROEFF, Paulo. A Pessoa com Deficiência e o Sistema Familiar in **Revista da ABRATEF: Revista Brasileira de Terapia Familiar / Associação Brasileira de Terapia Familiar.** v. 1, n. 1 (2008) - Porto Alegre: ABRATEF, 2008. **Disponível em: Revista-Vol4.pdf (abratef.org.br).** Acesso em 19 de dezembro de 2021.

O sistema neurosensorial como espelho da alma The neurosensory system as a mirror of the soul. *Arte Médica Ampliada* Vol.32 | N. 4 | Outubro/Novembro/Dezembro de 2012 [55ede1dc08574e3c7151515728fbe8ee06e6240f-32-4-sistema-neurosensorial.pdf](#) (abmanacional.com.br).

Medicina antroposófica: um sistema de medicina integrativa originado na Europa

Anthroposophic medicine: an integrative medical system originating in Europe Gunver S.

Kienle,I * Ulrich Albonico,II Erik Baars,*† Harald J. Hamre,I * Peter Zimmermann,‡ Helmut Kiene.

Arte Médica Ampliada Vol. 38 | N. 1 | Janeiro / Fevereiro/ Março de 2018

medicina-integrativa_38-1_web-1.pdf (abmanacional.com.br)